

Suplemento Cultural

191 anos de nascimento de Gonçalves Dias – o predestinado ‘menestrel do exílio’

**RUBENIO MARCELO
SECRETÁRIO-GERAL DA
ACADEMIA SUL-MATO-GROS-
SENSE DE LETRAS**

Na data de amanhã, o nosso país comemora 191 anos do nascimento do inesquecível poeta Antônio Gonçalves Dias, que veio ao mundo em 10 de agosto de 1823 (em Caxias-MA).

E não podemos falar de Gonçalves Dias sem lembrarmos a sua emblemática Canção do Exílio, que – mitificada através dos tempos – é, talvez, o texto poético mais conhecido da nossa literatura, além de ser muito parodiado e ter, inclusive, emprestado dois versos para o Hino Nacional Brasileiro (“Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida, mais amores.”).

Composto por cinco estrofes (24 versos), Canção do Exílio encerra-se com uma premonitória sextilha-prece, que se mostra profundamente carregada de significado: “Não permita Deus que eu morra, / Sem que eu volte para lá; / Sem que desfrute os primores / Que não encontro por cá; / Sem qu’inda aviste as palmeiras, / Onde canta o Sabiá”.

Ao escrever estes versos (em julho/1843 – Coimbra, Portugal),



Imagem: Internet
Poeta Antônio Gonçalves Dias
(10/08/1823 – 3/11/1864)

parece que o mais renomado escritor maranhense estava a receber desígnios transcendentais, envolto em fortes presságios que o impulsionaram, assim, a introduzir esta mística estrofe finalizando o seu poema.

A propósito, ao analisarmos esta obra, notamos claramente que esta derradeira estância (destacada acima)

foge do contexto dos seus outros dezoito versos anteriores, que tratam de exaltar – com altivez – as belezas naturais da terra brasileira (“Minha terra tem palmeiras, / Onde canta o Sabiá. / As aves, que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá. / Nosso céu tem mais estrelas, / Nossas várzeas têm mais flores, / Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores. / Em cismar, sozinho, à noite, / Mais prazer encontro eu lá. / Minha terra tem palmeiras, / Onde canta o Sabiá. / Minha terra tem palmeiras, / Que tais não encontro eu cá; / Em cismar – sozinho, à noite – / Mais prazer encontro eu lá. / Minha terra tem palmeiras, / Onde canta o Sabiá”).

Já a sextilha supracitada, como afirmei no início, muda o rumo psico-contextual do poema, inserindo de inopino um fecho carregado de languidez e pressentimento. Teria sido este detalhe um simples e natural sopro da inspiração elegiaca que envolvia o saudoso poeta, ou havia algo mais a moldar o timbre vatídico destas palavras?

O certo é que, vinte e um anos após insculpir tais versos, por ironia do destino ou não, Gonçalves Dias morreria sem ver concretizado esse

“

Não podemos falar de Gonçalves Dias sem lembrarmos a sua emblemática Canção do Exílio, que – mitificada através dos tempos – é, talvez, o texto poético mais conhecido da nossa literatura”

seu plangente ‘pedido’ e, portanto, sem [realmente] poder avistar novamente – como ele havia chegado a imaginar quando poeticamente ‘exilado’ em terras portuguesas – as suas tão queridas palmeiras da Terra dos Sabiás. Na noite de 3/11/1864, o predestinado vate seria vítima do naufrágio do navio francês Ville de Boulogne, que o trazia da Europa para o Brasil e afundou [após

quase dois meses singrando os mares] ao se chocar com arrecifes na costa do Maranhão, a poucas milhas do final do percurso. A uma pequena distância da terra firme, toda a tripulação conseguiu salvar-se do desastre, menos o poeta, que – à época, com 41 anos e doente – dormia no porão e não despertou ante a tragédia da qual seria o único morto.

Assim, mergulhando para sempre no neptunino reino, percia o insigne vate, talvez tranquilo e sonhando feliz com o seu pátrio lar, a sua Terra das Palmeiras, ali, tão próxima (e tão distante), encoberta pela negridão da noite. Assim, “sem voltar para lá”, sucumbia, em meio aos traçoeiros parcs das águas escuras, aquele que foi o grande nome do Romantismo brasileiro. Assim, irônica e caprichosamente, não se cumpria o intento contido na última estrofe da eterna Canção do Exílio: “Não permita Deus que eu morra / Sem que eu volte para lá (...)”.

Quis o destino que o proceloso acaso interrompesse o curso daquela embarcação. Quis o fado misterioso e inclemente que a súplica gonçalvina fosse em vão.

POESIA

MANO QUERIDO, JACI:

(Para Jaci Pereira da Rosa – in memoriam)

Como o céu mais escuro aviva estrelas – Pois na treva é que a luz se faz verdade – Deus da vida apagou-te as santas velas Pra de ti nos mostrar a claridade!

Ah! Querido irmão, quanto nos revelas, Neste salto que deste à Eternidade, Do que não enxergávamos nas telas Que na vida pintavas com humildade...

Na fugaz santa ceia da existência, Familiares e amigos, com saudade, Só se conformam com a tua ausência,

Porque não ficou vago o teu lugar: Jesus, com sua lira e caridade, Qual tua imagem, vem conosco orar!

(05/08/2014)

GERALDO RAMON PEREIRA

NA JANELA

Que bela paisagem, além da janela, e o sopro do vento a faz balançar! Milhões, trilhões de folhas se agitam faceiras.

Flores da mangueira de um pomar se preparam para frutificar sazoadas.

E o leque dos coqueiros tremula pendente no ar, enquanto a quaresmeira enfeita a janela de lilás.

O pequeno tiê-sangue se equilibra sobre os fios e os outros passarinhos brincam de pegador sobre o telhado.

E quando veem seu território ameaçado por uma coruja medrosa, mas que aceita seus insultos, o sabiá, o bem-te-vi, o João-de-barro e o pardal tiram rasantes sobre sua cabeça para afugentá-la, resguardando, assim, algum ninho de seus filhotes.

Mas ela, quieta, muda, não voa... sabe esperar.

De vez em quando, periquitos e até araras fazem visita ao petisco coqueiro. É uma verdadeira algazarra!

A tarde ainda brilha sorrindo no perder das horas. Que paz!... Que bálsamo benfazejo para a alma!

O trabalho se torna leve e gratificante.

O sol empalidece sobre as folhagens...

A minha janela logo será fechada, mas, na janela da minha visão, o esplendor, o colírio cristalino da alma.

E leve, silenciosa, a brisa mansa faz a tarde emudecer.

Os pássaros se aninham nos galhos para dormir.

A cor da noite aparece... eu fecho a janela, Despedindo da beleza do dia.

Até amanhã!... Boa noite!...

ELIZABETH FONSECA

O Pedro Isidro

RENATO TONIASO

O “Seu” Pedro Isidro era um gaúcho alto e de porte atlético, já próximo dos 80 anos de idade, mas que ainda andava a cavalo e que morava na sede da sua fazenda, uma propriedade rural de médio porte, localizada na beira de um rio, no interior do município. De pouca conversa, quando falava, todos o escutavam; era muito respeitado na região. Andava sempre de pilcha, pelo menos no que se refere à indumentária básica, e era muito caprichoso, tanto consigo como com seu cavalo, um tordilho negro que “dava gosto de se ver”. Parecia que os dois até conversavam entre si, embora não se tivesse certeza, apenas, se o cavalo respondia aos circunlóquios do velho. Carregava um 38 Smith & Wesson, niquelado e com cabo de madrepera, no lado direito da guaiaca, e delegado nenhum mexia com ele. Tinha a fama de ser bom atirador, embora não se lhe atribuisse carregar nenhuma morte “nas costas”. “É só pra se defender”, argumentava, quando algum curioso criava coragem para inquiri-lo a respeito.

Entre a fazenda do Pedro Isidro e uma vila, com alguns bolichos e uma cancha de carreiras – estabelecimentos esses que ele gostava de visitar –, havia um capão de mato com fama de ser mal-assombrado. Dizia-se que ali, à noite,

costumava aparecer uma noiva totalmente vestida de branco, e que tal se devia ao fato de, naquele local, terem sido degolados muitos homens nas várias revoluções pelas quais passara o Estado, inclusive o noivo da noiva fantasma. A estrada passava bem no meio do capão, e não havia outro caminho que pudesse ser seguido, o que fazia com que muitas pessoas procurassem evitar o local à noite, menos o Pedro Isidro e o “Chico do Florêncio”, um rapaz “em idade de se casar”, que morava a uns quinhentos metros de distância, onde, com o pai e os irmãos, trabalhava em um pequeno barbaquá e que, todo sábado, passava pelo local, de bicicleta, para ir visitar a sua namorada, regressando lá pelas 11 horas da noite. Os irmãos do Chico, talvez um pouco enciumados, por não terem namoradas, achavam que ele virara corajoso apenas por estar “enrabichado”, e resolveram dar-lhe um susto; “só pra ver ele levando o mato no peito”.

Em uma noite de sábado, com luar “fraco”, pegaram um balaio com mais ou menos 1,5 metro de altura, que usavam para o manuseio da erva-mate, e fixaram, sobre a parte externa do mesmo, um lençol branco surrupiado da mãe deles; viraram o balaio para baixo e, sobre a sua parte interna, introduziram uma forquilha de madeira, o que possibilitava que alguém, manuseando a forquilha, erguesse

e abaxasse o balaio, dando a impressão de que “a noiva” flutuava no ar. Por volta das 10 horas da noite, foram para o capão esperar o Chico. Postaram-se, “bem quietos”, a uns 10 metros da margem da estrada, e não precisaram esperar muito: logo escutaram o toc-toc de um cavalo a despacito, que vinha em sentido contrário daquele pelo qual o Chico deveria vir; “um tordilho negro que chegava a relampear na escuridão da noite”. Nem se lembraram do Pedro Isidro e, para “render mais a arte”, uma vez que ainda faltava “um tempinho” para o Chico aparecer, resolveram assustar o cavaleiro. O encarregado de manejar a forquilha começou a reerguê-la e baixá-la quando o cavalo estava a uns 20 metros de distância. O animal logo estancou, assustado, pois já estava de orelhas em pé, farejando alguma coisa; mas não correu e nem derrubou o cavaleiro. A “noiva” foi erguida mais uma ou duas vezes bem alto e isso foi a sorte de todos.

Os tiros de 38 passaram por cima da cabeça dos “arteiros”, perfurando o balaio de barbaquá.

A debandada foi instantânea e não foram o Chico ou o Pedro Isidro que “levaram o mato no peito”.

Ao menos dessa vez, os assustadores saíram assustados, e, depois, o Chico garantia que não foi apenas lençol que restou rasgado e sujo.

ÁGUA DA MORINGA

RAQUEL NAVEIRA

A um canto da sala da casa de minha infância, bem junto à porta que se abria em duas folhas, ficava uma pequena mesa. Sobre ela, uma toalha de renda e uma moringa de barro com um copo servindo de tampa, sempre cheia de água fresquinha. Era um convite para quem chegasse ou saísse, naquelas tardes abafadas e quentes de Mato Grosso. Um presente de hospitalidade: água para o visitante, soberana das maravilhas. Maior das riquezas. Mais preciosa do que as pérolas, pois de que valeriam para o beduíno sedento? Sorvia-se a cada gole um pouco de pureza e bênção. Que sabor inesquecível tinha aquela água.

Havia todo um processo: a moringa fora lavada, depois foi colocada água dentro dela, com um punhado de açúcar e folhas de laranjeira, até encharcar o barro, que roubaria o calor do líquido, deixando-o sempre frio. A água ficava doce, doce. Parecia ter vindo de um lago onde a lua leitosa se banhava inteira. Dentro da moringa, morava uma

aurora branca. Palavras úmidas boiavam em flutuações de desejos e sentimentos secretos. Se um peixe fosse jogado dentro dela, certamente ressuscitaria e se tornaria imortal, nadando como faisca entre as paredes de limo. Tomar daquela água era momento de pausa e carícia. Era tirar toda a amargura do coração.

Quando quero lembrar de algo que me encha de sabedoria, sinto o gosto daquela água da moringa. Meu sorriso fica claro, os meus gestos fluídos, e as notas de um cântico de paz pingam em gotas dos meus lábios.

Vi um cântaro parecido sobre os ombros da mulher samaritana, numa imagem cor de sépia, pendurada sobre o sofá de couro, numa outra casa portuguesa, a dos meus bisavós, Maria e Antônio, na Rua Treze de Maio. Quando eles partiram, eu tinha uns sete anos. As recordações ficaram vivas em minha memória. O quadro mostrava o poço no deserto e um encontro essencial: a mulher samaritana e Jesus. Jesus se revela como o Senhor da Água Viva, dizendo: “– Aquele que beber da água que lhe darei não terá mais sede.

A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna.”

Meu bisavô amava essa passagem e contava com lágrimas nos olhos:

– A samaritana teve o privilégio de oferecer água ao Mestre, água da bilha.

Água é mesmo energia e força nova. Desoladora a situação que estamos vivendo, com problemas de abastecimento de água, reservatórios em níveis baixos, seca no Nordeste, enchentes no resto do território, crise no sistema Cantareira. É preciso, urgente, mudar nossa relação com a água. Pontos de água são lugares sagrados. Alguém disse que não existe amor em São Paulo. É da água que nascerá o amor. Há um salmo que diz: “Junto aos rios da Babilônia, nos assentamos e choramos”. A água é objeto de súplica. Clamemos a Deus para que ele escute nosso grito e envie os seus aguaceiros. Que venham chuvas de primavera. Que o orvalho faça romper flores improváveis no asfalto.

Só aquela água da moringa saciava a terra seca da minha alma. Eu me orientava para a porta com o faro de uma corça. Dentro dela, brilhavam luzes e cacos de estrelas.